

Minha amiguinha Ingrid

Em meus sonhos sobre o passado, jamais me esqueci de uma passagem vivida no começo dos anos 30 do século XX, até meados deste espaço de tempo. Residia com meus pais à Rua Rio Branco, entre a Avenida Rodrigues Alves e a Bandeirantes. Minha casa ficava bem no meio do quarteirão e tínhamos como vizinhos Antônio Vissoto, Moacir Teixeira e, mais acima, ainda na Rio Branco, Vivaldo Guimarães, os Fogetti e José Fernandes.

Era uma época tranquila, mas também turbulenta em virtude de revoluções militares. A de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder por 15 anos e a de 1932, quando São Paulo se rebelou contra o então Ditador, em defesa de uma constituição. Naquelas duas décadas, constantemente observava tropas militares de Getúlio invadindo as ruas de Bauru e exibindo um material bélico que aterrorizava a todos nós.

AMIGOS ALEMÃES

Traçando este preâmbulo, chego a uma família de alemães que residia na Rua Bandeirantes, cujo quintal fazia fundo com o nosso. Os bons vizinhos nutriam uma grande amizade com os meus pais e eu, talvez com 5 ou 6 anos, me divertia com os filhos do casal, principalmente a menina que talvez tivesse a minha idade – de nome Ingrid – e o seu irmão, bem mais velho, conhecido como Rodolpho.

As brincadeiras com as crianças às vezes aconteciam em minha casa. Era um pas-

satempo dos mais agradáveis, ora com os meus carrinhos, com soldadinhos de chumbo, e o irmão com as suas atrações próprias da época, alguns até mesmo importados. No convívio com aquela bela família alemã, minha mãe, além de trabalhar na E. F. Noroeste do Brasil (foi uma das primeiras a ingressar no quadro funcional da ferrovia) executava para eles pequenos serviços de crochê e de costura.

Nessa atividade extra, os atendia no trabalho de confecção de roupas para os filhos.

Assim era aquele contato com os simpáticos alemães. Mas, um dia, tudo começou a mudar. Com os primeiros sinais da II Grande Guerra, antes do início da mesma o pai atuava em uma empresa de venda de títulos de capitalização, ou seja, de sorteios mensais com combinação de letras e números. À época, eram várias as entidades que trabalhavam naquele mercado, ou seja, A Equitativa, Sul-América, Kosmos etc.

Por ser alemão e em virtude de diversas ameaças, aca-



Ingrid em uma das praias da Bahia no ano de 1934.



Ao lado de amiguinhos em carnavais baianos

bou sendo demitido. Como em Bauru não conseguia prestar serviços em outra atividade, resolveu transferir o domicílio, viajando com toda a família para Salvador (Bahia). Amigos, em contato conosco, informaram que o propósito seria retornar à Alemanha, naquele quase estado de guerra.

À época, minha família já havia mudado para os Altos, mais precisamente à Rua Agenor Meira, nº 12-59. Assim, aos poucos foram rareando os nossos encontros, principalmente da minha amizade com a Ingrid e o Rodolpho. Quando chegou a notícia que eles foram embora para a Bahia, lamentamos profundamente, pois nem uma despedida aconteceu.

Como sabiam o nosso endereço, passaram a enviar correspondência, na qual contavam a respeito da nova vida, inclusive fotografias, principalmente da menina Ingrid participando dos festejos carnavalescos na Boa Terra. Meus pais respondiam e, assim, aquela amizade que perdurou muitos anos, agora continuava somente por intermédio de cartas e de fotos em território baiano.

UM TRISTE SILÊNCIO

Passado algum tempo, não mais recebíamos qualquer no-

tícia e a falta de comunicação passou a ser verdadeiro obstáculo entre as nossas vidas. Com outras pessoas, inclusive de descendência alemã e que contatos mantinham com eles, quando aqui residiam e ainda por correspondência vinda da Bahia, nada sabíamos.

Esse silêncio total, indicava que eles teriam conseguido voltar para a Alemanha antes do início da guerra (1º de setembro de 1939) e, de lá, não tiveram mais a oportunidade de qualquer mensagem com os amigos bauruenses.

Assim, a figura da pequenina Ingrid passou a existir somente nas fotos do meu arquivo, sendo que uma (na capa desta edição) a focaliza quando, bem pequena, em sua residência, entre bonecas, um ursinho e um carrinho, e ela com os olhos fixos na objetiva. Nas outras, aparece em carnavais e na praia, na Bahia.

Essa não deixa de ser uma das centenas de recordações que guardo da amiguinha Ingrid e, com certa frequência questiono: o que aconteceu com ela? Voltou mesmo para a Alemanha? Conseguiu sobreviver aos horrores da guerra? Teria formado uma família? São perguntas que, ao ver e rever as fotos, não fogem de minha lembrança e provocam uma saudade imensa.